

1. Introdução: Da realidade à utopia

O espaço e o tempo são as principais dimensões materiais da vida humana e têm sido objetos de análise não apenas de filósofos, mas de historiadores, sociólogos e físicos. A teoria de supercordas, última moda em física, antecipa a hipótese de um hiperespaço que articula dez dimensões, inclusive o tempo.¹ Convidamos a refletir sobre o *significado do espaço e do tempo* nas obras de Platão.

G. Glotz tinha analisado um dos tratados fundamentais da reforma de Clístenes, singularmente a partir da organização de um espaço e de um tempo puramente cívicos. P. Lévêque e P. Vidal-Naquet foram mais longe e situaram mais precisamente Clístenes no contexto político e social do fim do VI século. Eles consideraram essas reformas como “um ato por vezes intelectual e político”, que implicaram “novas relações entre vida política, vida científica e reflexão filosófica”.² Pretendemos mostrar como esses conceitos foram transformados no pensamento de Platão no contexto de crise que atravessa o pensamento grego no IV século.³

No transcorrer do V e do IV século, as preocupações religiosas atravessam ainda o espírito cívico. Elas testemunham o contexto de uma

¹ CASTELLS, Manuel: ‘O espaço de fluxos’. In: *A sociedade em Rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994. Uma das surpresas da teoria das supercordas é que ela pressupõe um espaço de dez dimensões, sendo nove de espaço e uma de tempo. A explicação para o fato de nosso espaço-tempo só revelar quatro dimensões (as três dimensões espaciais de comprimento, largura e altura mais a dimensão temporal) é que no início da formação do universo, seis dessas dimensões se tornaram extremamente pequenas.

² GLOTZ, G. *Histoire grecque*, v. 1, p. 464-83; VIDAL-NAQUET; LÉVÊQUE, P., *Clisthènes l’Athénien*, p. 11-13.

³ Esta crise generalizada, Platão numera e interpreta na origem da sofística, essa não-filosofia que afeta a linguagem, a ciência e a cidade.

religiosidade política no qual se inscreve o processo teológico-político ligado ao ateísmo e ao delito de impiedade causado pelo sacrilégio no momento da mutilação dos Hermes, por exemplo. Podemos afirmar que Platão estabelece os planos de uma cidade ideal na qual toda a política é garantida pela religião. Consideramos que um *desvio arcaico* tenha transformado completamente a concepção de *espaço* e de *tempo cívicos* ligados à tradição que as reformas de Clístenes realizaram um século antes.⁴

Essas reformas situam-se no plano das instituições. Elas fixaram o quadro no qual se desenvolveu a vida política da Atenas clássica. Mais do que uma transformação, deve-se mesmo falar de uma instauração do político, do advento do plano político, no sentido próprio, na existência social dos gregos. P. Lévêque e P. Vidal-Naquet preocuparam-se, sobretudo, em marcar os aspectos mentais de uma reforma em que vêem um ato político ao mesmo tempo intelectual.⁵ G. Glotz havia notado o espírito geométrico que preside as reformas de Clístenes.⁶ J. P. Vernant tentou relacionar o caráter geométrico da cosmologia grega, contrastando com o caráter aritmético do pensamento científico do Oriente com a organização pela cidade de um espaço político homogêneo, no qual o centro tem valor privilegiado porque, em sua relação com ele, todas as

⁴ Apesar de inúmeras modificações pormenores da democracia, elas continuam a reger a Atenas do IV século sem muito corresponder às aspirações novas que traduzem as filosofias. A cidade clássica permanece o essencial da cidade clisteniana, definido justamente como uma “comunidade de cidadãos”, inteiramente independentes e soberanos.

⁵ VIDAL-NAQUET, P.; LÉVÊQUE, P., *Clithènes l'Athénien*, p. 11-13.

⁶ GLOTZ, G. *Histoire grecque*, v. 1, p. 469.

posições diversas que ocupam os cidadãos aparecem simétricas e reversíveis.⁷

O que se manifesta de início nas reformas de Clístenes é a preeminência do princípio territorial sobre o gentilício na organização da *pólis*. As quatro tribos 'jônicas', entre as quais se repartiam os atenienses, fundadas sobre um parentesco mais ou menos imaginário foram substituídas por dez tribos novas⁸. Cem *demos*⁹ constituem as unidades de base. Elas são agrupadas em trinta *trítias*¹⁰ homogêneas, dez da vila (*asty*), dez da costa (*paralia*), dez do interior (*mesogeia*). Cada tribo é formada de três *trítias* pertencentes a essas três regiões assim dependentes.

Tribos, *trítias*, *demos* foram delineados sobre o solo como tantas realidades podem inscrever-se em um mapa. No centro da *pólis*, a *ágora*, reorganizada e remodelada, forma um espaço público, nitidamente circunscrito. Edifica-se na agora, o *Bouleutérion*, sede da *Boulé* dos Quinhentos, composta de representantes de cada tribo que, cada uma por vez, exerce a *prítania*, isto é, presidem as sessões da Eclésia com o privilégio de ficarem alojados no Lar comum durante este tempo. Como nos informa L. Genet, as mudanças do significado do centro que, de símbolo religioso (*Héstia*, deusa da lareira), torna-se símbolo político

⁷ VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian, p. 193-206.

⁸ As dez novas tribos instituídas por Clístenes derivaram seus nomes dos tradicionais reis e heróis da Ática: Erechtheis (Erecteu), Aigeis (Egeu), Pandionis (Pandíon), Leontís (Leos), Acamantís (Acamas), Oineis (Oineu), Kekropís (Cécrope), Hippothontís (Hipótoo), Aiantís (Ájax) e Antiochís (Antíoco). A única exceção no qual observa Heródoto, (Histórias, V. 66), era Ájax, herói natural da vizinha ilha de Salamina.

⁹ Segundo se deduz de Heródoto 5.69.2 teriam sido cem *demos*.

¹⁰ A escolha desse termo que significa 'grupo de três', ou 'composta de três partes' é enigmático. As *trítias* correspondem, com efeito, a um terço da tribo.

(lareira comum da cidade, *Héstia Koiné*), marcam-se aqui, parece-nos, de maneira surpreendente.¹¹ O centro traduz no espaço os aspectos de homogeneidade e de igualdade, não mais os de diferenciação e de hierarquia. Por seu contato com as realidades políticas, o símbolo do centro desprende-se das representações religiosas às quais estavam antes associados.¹²

Podemos afirmar que as reformas de Clístenes traduzem antes de tudo uma transformação do espaço cívico, porém, implicam também outras categorias como a organização do tempo, os sistemas de numeração. À elaboração de um espaço abstrato, ligado à organização política, corresponde a criação de um tempo cívico, construído segundo as mesmas exigências. Tem-se o direito de atribuir a Clístenes o calendário *prítânico* que, ao longo da história ateniense, opor-se-á ao calendário religioso. Que esse calendário, como veremos, tenha estabelecido um ano de 360 dias (dez *pritanias* de 36 dias) ou de 366 dias (seis *pritanias* de 37 dias, quatro *pritanias* de 36), ele se modela sempre em função das dez tribos territoriais que devem se suceder na administração da *pólis*. Como observaram P. Lévêque e P. Vidal-Naquet, a organização do tempo é calcada na organização do espaço: ter a *prítania* é, para uma tribo, ocupar ao mesmo tempo tal posição no decorrer do ano político e delegar 50 dos seus membros à Lareira comum

¹¹ GERNET, L. *Sur le symbolisme politique em Grèce ancienne: le Foyer commum*, Cahiers internationaux de Sociologie, v. 2, p. 21-43

¹² VERNANT, J. P. Mito e pensamento entre os gregos. In: *'Héstia-Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos'*, p. 151-191.

que é o coração da Ática.¹³ Assim como o espaço, esse tempo cívico (ao contrário do tempo religioso, ritmado por festas) caracteriza-se por sua homogeneidade.

Espaço cívico e tempo *prítânico* são ordenados e medidos por números. Os números três, cinco e dez representam nessas reformas um papel importante. G. Glotz sugere uma influência das especulações dos pitagóricos.¹⁴ Por outro lado, ao fixar o número das tribos em dez, Clístenes se propunha deliberadamente, conforme o testemunho de Aristóteles¹⁵, a afastar o número doze, que antes era o das *trítias*, no interior das quais se distribuía a totalidade dos cidadãos. A adoção de um sistema decimal em lugar de um sistema duodecimal iria, contudo, de encontro a toda uma tradição política jônica. Ela devia, assim, contrariar certos hábitos de pensamento enraizados na religião (os doze meses do calendário religioso, os doze grandes deuses do panteão).

Tem-se, tentado mostrar nas reformas de Clístenes um ato por vez, intelectual e político. De que modo eles são colocados no quadro das novas relações que se estabelecem no V e IV séculos entre vida política, vida científica e reflexão filosófica? A partir de um estudo do espaço e do tempo cívicos nas reformas realizadas por Clístenes, nos levamos assim a pesquisar como esses conceitos foram transformados no pensamento de Platão, nos projetos de cidade concreta que ele elabora um século depois. Isso, então, é o nosso ponto de partida.

¹³ VIDAL-NAQUET, P.; LÉVÊQUE, P., *Clithènes l'Athénien*, p. 23.

¹⁴ GLOTZ, G. *Histoire grecque*, v. 1 p. 469.

¹⁵ ARISTÓTELES. *Constituição de Atenas*, 21, 4. Tradução e comentário de Francisco Murari Pires.

Não nos deteremos à *República*, que apresenta a utopia platônica sob sua forma mais pura, isto é, sem referência, ainda que teórica, ao substrato da *pólis*, embora tenha anunciado, ao menos, nos livros VIII e IX, que a cidade é algo frágil e suscetível de degenerar no tempo que a decompõe.

No *Timeu*, Platão retrata uma Atenas antiga que teria sido edificada sobre o modelo dos livros II à V da *República*, isto é, governado pelos guardiões que vivem em comunidade (mas, não de filósofos) e que narra brevemente a guerra que teria sido dirigida contra a Atlântida.¹⁶

No *Crítias*, esses dois estados são apresentados de modo mais concreto. Domínio de Hefesto e de Atena, a cidade de Atenas tinha sido dividida por três classes separadas, camponeses, artesãos e comerciantes, e guerreiro.¹⁷ Uma imensa *acrópole* ocupa a acrópole clássica que se estende da Pnix até o Licabeto, de onde partem as divisões territoriais. Na parte exterior residiam os camponeses e artesãos; os guerreiros ocupam o cimo isolado por uma muralha, à volta do templo. O que é então o centro da vila, o seu *méson*, não é como na cidade de Clístenes, a *ágora* – centro político, no qual convergem todos os cidadãos; um cimo não compreende outro edifício público senão o templo dos deuses fundadores, os alojamentos comunitários dos guerreiros, os ginásios, os jardins e refeitórios.

Em face desse primeiro modelo, Platão coloca a Atlântida, domínio de Poseidon, no qual o deus dividiu a ilha em dez partes a frente dos

¹⁶ PLATÃO. *Timeu*, 23 d - 25 d. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

¹⁷ Idem., *Crítias*, 110 c-d. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

quais ele colocou dez reis, *arquegetas* (fundadores) da cidade. Essa divisão vem nos aproximar de uma relação possível entre a ilha fabulosa e a cidade de Atenas, insurgidas das reformas de Clístenes (pois ele também havia dividido a Ática em dez tribos). Para irmos mais longe, Platão realiza uma repartição que agrupa a montanha e o resto da região que nos remete, mais uma vez, à mesma situação predominante que a *asty* ao centro do espaço cívico clisteniano.

Nas *Leis*, a perspectiva é profundamente diferente com relação ao *Timeu* e ao *Crítias*, pois os reinos dos Atlânticos situam-se no espaço e no tempo mítico. Ele passa da legislação ideal, realizando a comunidade completa das mulheres, das crianças e dos bens, ao que denomina a cidade segunda ou terceira, isto é, as constituições que, considerando os defeitos da natureza humana, são mais próximas da realidade. Nesta colônia cretense, que as *Leis* fixam os princípios, a *acrópole* ocupa o lugar ao centro (*méson*) da cidade de onde partem as divisões territoriais. Nesse espaço que Platão descreveu minuciosamente, a vila e o resto da região são divididos em doze partes e cada uma é composta de uma seção de cidade e do campo. A primazia da vila sobre o campo que nós vemos nas exposições das reformas de Clístenes desaparece: cada habitante deverá possuir uma casa urbana e outra rural.

Circular e centrado como o de Clístenes, o espaço político de Platão é diferente em alguns pontos essenciais. A *ágora*, centro político e geométrico da cidade, com efeito, sucede um centro religioso, a *acrópole*, consagrada às divindades tutelares da cidade, Zeus e Atena. Também

Héstia, contrariando o costume de todas as cidades gregas, encontra-se situada, não mais na *ágora*, porém, na *acrópole*.¹⁸ Esse deslocamento do centro é significativo, uma vez que a *acrópole* se opõe à *ágora* como domínio do sagrado (os *hierá*) ao domínio do profano (os *hósia*), como o divino ao humano.¹⁹ Porém, outra explicação seria também plausível, o fato de a *ágora*, centro político da *pólis*, simbolizar a democracia ateniense e reservar um lugar importante no jogo das instituições.

Podemos afirmar que Platão, percorrendo um sentido inverso ao de Clístenes, volta a um sistema duodecimal cujo valor religioso aparece nele sem equívoco: cada tribo é destinada a um dos doze deuses do panteão. Essa divisão do espaço cívico também permitiu Platão modelar o espaço sobre o tempo e realizar a operação contrária a Clístenes - cada uma das doze tribos deve corresponder a uma festa maior, àquela do deus que o tempo instalou em seu centro. Se as divisões do espaço e do tempo se correspondem, é porque eles se modelam um e outro sob a ordem divina do cosmo. Como bem observou Henri Joly²⁰, ligando-se, por uma parte, sua filosofia política a uma teologia política, Platão não faz, sem dúvida, outra coisa senão teorizar e codificar uma verdadeira cidade real. A *politéia* de Clístenes parece ceder lugar a uma cidade ressacralizada, desigual e aristocrática em Platão.

Nesse momento, uma outra atualidade se faz presente, a de um pensamento que organiza tudo de novo; o plano político que Clístenes

¹⁸ PLATÃO. *Leis*, 745b, 771b, 828b. Tradução de Carlos Alberto Nunes; REVERDIN, O. *La Religion dans la cité platonicienne*, p. 149 et. seq.

¹⁹ VERNANT, J. P. *Mito e Pensamento entre os gregos*, p. 205.

²⁰ JOLY, H. *Renversement Platonicien. Logos, Epistme, Polis*, p. 308.

havia realçado um século antes, Platão o reintegra então na estrutura da *pólis* ideal.